

Revista Formadores

Vivências e Estudos



V CONGRESSO SUL-AMERICANO DE PESQUISA DA EDUCAÇÃO ADVENTISTA

Investigação Científica

A serviço da Missão 2023

V COSUDI - PORTUGUÊS

Volume 16 Número 3 Dezembro 2023

ISSN: 2177-7780 - ONLINE ISSN: 1806-5457 - IMPRESSA

DOI: 10.25194/rt.v16i3.1689

Brena dos Santos de Jesus

brena.jsantos01@gmail.com

Brena Santos de Jesus, Graduada em Psicologia da Faculdade Adventista da Bahia.

Ana Flávia Soares Conceição

ana.soares@adventista.edu.br

Mestra em Psicologia. Docente de Psicologia na Faculdade Adventista da Bahia. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6654-0785>

Faculdade Adventista da Bahia

BR 101, Km 197 – Caixa Postal 18 – Capoeiruçu
- CEP: 44300-000 - Cachoeira, BA

A SOLIDÃO DA MULHER NEGRA EM UMA PERSPECTIVA AFETIVA-SEXUAL

THE LONELINESS OF THE BLACK WOMAN IN AN AFFECTIVE-SEXUAL PERSPECTIVE

RESUMO

Este artigo busca compreender a Solidão da Mulher Negra na realidade brasileira e seu preterimento no mercado afetivo. A pesquisa trata-se de uma revisão narrativa, de natureza qualitativa contendo publicações que compreendem o período de 2012-2022, analisando aspectos como a existência do sentimento de solidão da mulher negra relacionada principalmente à falta de um relacionamento amoroso, além de discutir como se deu a solidão dessa mulher no Brasil e, conseqüentemente, os impactos ao bem-estar de tais mulheres. Na análise dos dados, foi evidenciado que mulheres negras não são tão requisitadas em relacionamentos afetivos e conjugais, fato esse que está associado ao contexto histórico da escravização de tais mulheres e até o momento presente tem reverberado negativamente na trajetória de mulheres de pele preta.

Palavras-chave:

Solidão. Mulher Negra. Racismo.

Keywords:

Loneliness. Black Woman. Racism.

JESUS, Brena dos Santos; CONCEIÇÃO, Ana Flávia Soares. A solidão da mulher negra em uma perspectiva afetiva-sexual. **Revista Formadores**: vivências e Estudos. Cachoeira, Bahia, v. 16, n.3, p. 131 - 139, Dezembro 2023.

ABSTRACT

This article seeks to understand the Solitude of the Black Woman in the Brazilian reality and its neglect in the affective market. The research is a narrative review, of a qualitative nature containing publications that comprise the period 2012-2022, analyzing aspects such as the existence of the feeling of loneliness of the black woman related mainly to the lack of a loving relationship, in addition to discussing how the loneliness of this woman occurred in Brazil and, consequently, the impacts on the well-being of such women. In the analysis of the data, it was evidenced that black women are not so requested in affective and marital relationships, a fact that is associated with the historical context of the enslavement of such women and until the present moment has reverberated negatively in the trajectory of women with black skin.

INTRODUÇÃO

A presente revisão visa trazer informações relevantes sobre a solidão da mulher negra em uma perspectiva afetivo-sexual, para fomentar e ampliar a discussão, contemplando aspectos como o reconhecimento da solidão, além da origem dessa solidão no contexto brasileiro e suas repercussões para o bem-estar dessa figura feminina. Nesse contexto, o aprofundamento nessa temática se faz necessário, no entanto, é pouco abordado na literatura, sendo de elevada importância a discussão desse tópico na sociedade atual, contribuindo para a sistematização do conhecimento.

A solidão é um sentimento de falta de conexão com outras pessoas, que pode decorrer tanto do fato de estar sozinho sem companhia quanto do convívio com inúmeras pessoas ao redor. Esse sentimento pode despertar tristeza, gerando dor e tornar-se gatilho para diversos problemas de saúde, tanto físicos quanto mentais, impactando em toda a estrutura social do indivíduo que se sente dessa forma.

De acordo com Motta (2018), a solidão é caracterizada pela profunda sensação de separação de outras pessoas, sentir-se sem aceitação, carinho, afeto, conexão ou satisfação emocional, ou seja, o sentimento incômodo gerado em decorrência da escassez de vínculos significativos. Esse sentimento pode ocorrer em diferentes contextos, desde sentir-se só em meio a uma multidão de indivíduos até mesmo ocorrer quando não há pessoas que ofertam algum significado especial para tal indivíduo.

Além disso, a moralidade da época da escravização de indivíduos negros não permitia ao senhor dar vazão às suas fantasias sexuais com sua sinhá. Assim, ele selecionava uma negra para praticar sexo fora do casamento, a fim de obter prazer exacerbado. Segundo Freitas (2011), ainda na atualidade, reverbera o legado do senhor com seus preceitos religiosos, que não tinha satisfação sexual plena com a esposa branca, que era ideal para a reprodução. No entanto, abusava sexualmente e sem

quaisquer restrições de negras escravizadas, que serviam como objetos sexuais, assim reside uma dupla moral sexual brasileira.

Diante do exposto, há um indicador muito elevado sobre mulheres negras serem, em sua maioria, mães solteiras e terem dificuldades para constituir relacionamentos românticos estáveis, como o casamento. Esse dado advém das consequências de todo um contexto estruturado, onde a mulher negra é vista como mero objeto sexual, em decorrência da reverberação da época em que as mulheres negras eram subordinadas a um sistema de opressão e dominância, sendo exploradas tanto no viés sexual quanto pelo laboral. Conforme Hooks (1995, p.469), mulheres negras eram vistas apenas pelos seus corpos capazes de gerar prazer aos seus senhores, e procriadoras de novos escravos, assim tais mulheres deveriam ser domadas.

No imaginário social a mulher negra raramente é objeto de amor, ela por vezes é vista pelo aspecto sexual como já relatado ou até mesmo como cuidadora, sendo caracterizada como o objeto do outro. Assim, a mulher negra é colocada em um lugar onde não é idealizada romanticamente e com a permanência dos sentimentos de solidão e isolamento trazendo consequências tanto para sua saúde mental quanto física.

Outro dado importante evidenciado por Berzins (2003), relata que mulheres sempre estão em desvantagem em relação a figura masculina, pois são alvos recorrentes de discriminação, violência, salários inferiores, para além do risco de terem uma dependência maior de recursos externos para a sua manutenção. Portanto é válido destacar que em meio a toda essa conjuntura social onde tal mulher tem pouca seguridade social e inúmeras repercussões em seu bem-estar é extremamente dolorosa sua trajetória de vida que repercute sobretudo no mercado do amor.

SENTIMENTO DE SOLIDÃO E MULHER NEGRA

A questão do racismo e da solidão da mulher negra no Brasil é um tema de grande importância e urgência. Infelizmente, a discriminação racial e de gênero ainda é muito presente na sociedade brasileira, afetando principalmente as mulheres negras. Muitas vezes, elas se encontram em uma posição vulnerável, tendo que enfrentar diversos desafios e obstáculos para se afirmar em uma sociedade que ainda as coloca em uma posição inferior.

A solidão é uma das consequências desse processo, que se agrava ainda mais quando falamos de mulheres negras. Elas enfrentam uma dupla discriminação: por serem mulheres e por serem negras. Muitas vezes, elas se sentem isoladas e sem apoio, tendo que lidar com a falta de representatividade e de espaço na sociedade. Isso pode levar a problemas de saúde mental, como a depressão e a ansiedade, além de outras doenças relacionadas ao estresse crônico.

Além disso, o racismo estrutural no Brasil dificulta o acesso dessas mulheres a oportunidades de trabalho, educação e saúde. Elas são frequentemente excluídas dos espaços de poder e decisão, o que limita suas chances de se desenvolver e de se afirmar como cidadãs brasileiras. É preciso,

portanto, que a sociedade brasileira enfrente essa realidade e trabalhe para mudar essa situação, reconhecendo a importância e o valor das mulheres negras em nossa cultura e sociedade.

Pacheco (2013) pesquisou sobre o fenômeno descrito como solidão da mulher negra, utilizando entrevista com mulheres negras de escolaridades e classes sociais diversas. E como resultado constatou que a mulher negra está distante do campo do desejo afetivo, seja por seu cabelo natural, coloração de pele e demais características fenótipos que se encontra fora do padrão europeu desejado.

Nesse viés, torna-se vigente o quanto o quadro histórico está relacionado as questões atuais, afetando o campo de relações e como essas mulheres são vistas. Em concordância com tais resultados José (2016), constatou que a população feminina negra é mais propensa a viuvez, solteirice e solidão, enquanto a maior parte das mulheres brancas encontram-se em relacionamento matrimonial.

Concomitantemente, Zanello (2018) ressalta que o “mercado” do amor é desigual, pois possui um padrão na sociedade hodierna que é branca, jovem e magra, e quanto mais distante desse estereótipo mais impactos para a autoestima de tal mulher. Vive-se em uma ditadura estética em que a branquitude é o desejável. Assim, a mulher negra encontra-se em lugares extremamente desfavoráveis. Dessa maneira, existe uma solidão que é racializada, e extremamente racista.

Dessa forma, mulheres negras estão em demérito diante dos homens, sendo vistas como objetos sexuais prontas para o descarte. Mesmo diante das muitas mudanças culturais, esse paradigma de que a mulher negra é para diversão e a branca é para casar não tem sofrido nenhuma alteração vigente.

Angela Davis, uma das mais importantes pensadoras sobre racismo e feminismo negro, é uma referência incontornável nesse debate. Em um de seus discursos, ela afirmou: “A solidão da mulher negra é uma forma de opressão estrutural que precisa ser enfrentada. É preciso que a sociedade reconheça que as mulheres negras são sujeitos políticos, capazes de pensar e agir em prol de suas próprias vidas e das transformações sociais necessárias” (DAVIS, 1981).

Davis também destaca a importância da representatividade na construção de uma sociedade mais justa e igualitária: “A representatividade é fundamental para as mulheres negras. É preciso que sejam criados espaços de poder e decisão que considerem as demandas e necessidades específicas desse grupo social” (DAVIS, 1981). Essas citações de Angela Davis nos mostram que a luta contra o racismo e a solidão da mulher negra é uma luta política e social. É necessário o engajamento de todos na desconstrução de uma sociedade desigual e injusta, em que as mulheres negras sejam valorizadas e tenham as mesmas oportunidades e direitos que qualquer outra pessoa.

Além de Angela Davis, Bell Hooks também é uma referência importante no debate sobre a solidão da mulher negra e o racismo no Brasil. Em sua obra “Feminism Is for Everybody”, Hooks destaca a importância de se entender a intersecção entre a opressão racial e de gênero na construção da identidade e experiência das mulheres negras.

Bell Hooks também é uma referência importante no debate sobre a solidão da mulher negra e o racismo no Brasil. Segundo Hooks, “a solidão da mulher negra é resultado da violência racista e

sexista que marginaliza e silencia as vozes das mulheres negras” (HOOKS, 2000). Para Hooks, a luta contra o racismo e a solidão da mulher negra passa pela construção de uma cultura de respeito e valorização da diversidade, em que todas as vozes sejam ouvidas e respeitadas. Ela destaca que é preciso criar espaços de acolhimento e empoderamento para essas mulheres, que muitas vezes enfrentam uma dupla discriminação na sociedade.

Infelizmente, as estatísticas mostram que as mulheres negras no Brasil enfrentam dificuldades não apenas no mercado de trabalho, mas também no campo afetivo. De acordo com um estudo realizado pelo IBGE em 2019, o casamento entre mulheres negras é menos frequente do que entre mulheres brancas. Enquanto 46% das mulheres brancas estão casadas, apenas 31% das mulheres negras estão na mesma situação.

Essa diferença é ainda mais acentuada quando levamos em conta a faixa etária. Entre as mulheres brancas de 25 a 34 anos, 54% estão casadas ou vivem em união estável, enquanto entre as mulheres negras da mesma faixa etária, o número cai para 35%. Isso demonstra que as mulheres negras enfrentam maiores obstáculos para encontrar um parceiro e construir uma vida afetiva estável.

Essas estatísticas refletem não apenas a discriminação racial presente na sociedade brasileira, mas também a falta de representatividade e valorização das mulheres negras. A ausência de referências positivas na mídia e na cultura popular pode levar a uma desvalorização da beleza e da capacidade afetiva das mulheres negras. Além disso, a falta de políticas públicas que promovam a igualdade de oportunidades pode afetar a autoestima e a confiança das mulheres negras na hora de buscar um parceiro.

É importante que a sociedade brasileira enfrente essa realidade e trabalhe para mudar essa situação. É necessário que sejam criados espaços de diálogo e empoderamento para as mulheres negras, que elas tenham representatividade na mídia e na cultura popular, e que sejam implementadas políticas públicas que promovam a igualdade de oportunidades. Somente assim poderemos construir uma sociedade mais justa e igualitária, em que todas as pessoas, independentemente de sua raça ou gênero, possam se desenvolver plenamente em todas as áreas de suas vidas.

COMO SE DEU A SOLIDÃO DA MULHER NEGRA NO BRASIL

A solidão da mulher negra no Brasil tem raízes históricas profundas. Desde a época da escravidão, a mulher negra foi vista como objeto de trabalho e de reprodução, sem direito a uma vida afetiva e familiar plena. Elas foram separadas de seus filhos e maridos, vendidas como mercadorias e tratadas como seres inferiores. Essa experiência traumática deixou marcas profundas na psique das mulheres negras, que tiveram que lidar com a solidão e o abandono ao longo dos séculos.

Além disso, a mulher negra sempre foi invisibilizada e desvalorizada na sociedade brasileira. Elas foram excluídas do acesso à educação, à cultura e aos espaços de poder, o que tornou ainda mais difícil a construção de relações afetivas saudáveis e duradouras. A falta de referências positivas na

mídia e na cultura popular também contribuiu para a invisibilidade das mulheres negras e a falta de valorização de sua beleza e de suas qualidades pessoais.

A socióloga e ativista Angela Davis destaca a importância da representatividade para a autoestima e a construção de relações afetivas saudáveis. Segundo ela, “quando não vemos pessoas como nós representadas em posições de poder, tendemos a nos sentir sozinhas e incapazes de realizar nossos sonhos”. Isso é ainda mais evidente para as mulheres negras, que foram historicamente excluídas dos espaços de poder e da mídia.

Bell Hooks, por sua vez, destaca a importância da autoestima e da valorização da individualidade para a construção de relações afetivas saudáveis. Ela afirma que “a autoestima é a base de todas as relações amorosas saudáveis. É preciso que cada pessoa se sinta bem consigo mesma, para que possa se relacionar de forma positiva com outra pessoa”. Isso significa que é fundamental que as mulheres negras se sintam valorizadas em sua individualidade, para que possam construir relações afetivas saudáveis e duradouras.

Em resumo, a solidão da mulher negra no Brasil é resultado da exclusão e invisibilidade históricas a que foram submetidas. É fundamental que a sociedade brasileira enfrente essa realidade e trabalhe para promover a igualdade de oportunidades e a valorização das mulheres negras. Somente assim poderemos construir uma sociedade mais justa e igualitária, em que todas as pessoas, independentemente de sua raça ou gênero, possam se desenvolver plenamente em todas as áreas de suas vidas. A chegada das pessoas negras escravizadas no Brasil já se deu de forma violenta e obrigatória, no que diz respeito a figura feminina negra seu espaço era limitado entre a senzala e a casa grande, mormente eram usadas como força braçal como uma espécie de faz tudo, porém a apropriação de seus corpos era tão incessante que além de ser exploradas fisicamente eram também obrigadas a satisfazerem os desejos sexuais de seus ditos senhores. Dessa forma, no contexto da escravidão suas habilidades e o seus corpos eram explorados, pois não eram donas de si mesmas, e sim propriedades de seus senhores (GIACOMINI e PACHECO,2006).

Diferente da escravidão que foi abolida há mais de um século as percepções a respeito da mulher negra ainda estão perpetuadas no imaginário social, como um ser inferior e servil, e no contexto afetivo ainda se propaga a imagem de mulher que pode fornecer prazer, entretanto, não seria a opção ideal para um relacionamento afetivo de longa duração. Portanto, a solidão é presente na trajetória da figura feminina de pele negra desde seu desembarque dos navios negreiros.

Nesse viés o racismo historicamente enraizado no Brasil após mais de 400 anos de regime escravocrata se apresenta como um dos quesitos mais marcantes para a desvalorização da mulher preta no mercado matrimonial, tendo como pressuposto o modelo europeu que no Brasil imperou, a mulher branca além de ser o modelo feminino desejado, também pode ser uma forma de ascensão social para homem, primordialmente o homem negro, nesse cenário por diversas vezes resta a mulher negra o papel secundário na relação afetivo-sexual.

Portanto segundo Misael e Barrozo (2021), a solidão da mulher negra é um produto advindo da junção entre racismo e o machismo. Diante da combinação desses ideais os resultados devastadores são nítidos com danos irreparáveis.

Foi possível compreender que a mulher negra é marcada por inúmeros estereótipos que geram demasiado sofrimento, negando o lugar de protagonismo e por tantas vezes deixando-as na periferia do amor, da aceitação, do bem-estar entre tantos âmbitos sociais. Nesse contexto, a solidão é uma vivência estendida em larga escala, podendo gerar o senso de não pertencimento principalmente ao que tange a mulher de pele escura que historicamente é tratada como objeto que pertence a qualquer outro menos a si mesma.

Esses resultados colaboram com as conclusões de Teixeira (2015), relata que mulheres negras em meio a história vivenciaram demasiados modos de exclusão, e nenhum dos relatos históricos demonstram um senso de pertencimento, mas apenas de servidão, onde lhes foi negado o direito de ser, e construída uma identidade negativa, onde não há respeito, pois não é considerada como ser humano.

Ademais, ser visualizada de forma tão objetual pela sociedade é um fator de preocupação para o sexo feminino de raça negra que recorrentemente gera o sentimento de menos valia, autoimagem negativa, além de danos psicológicos e físicos (MIZAEL, 2021). Sobreviver em meio a tantos dilemas acarreta repercussões inevitáveis.

Magalhães (2020) afirmar que indivíduos negros pouco tem poucas oportunidades de usufruir de uma melhor qualidade de vida ao longo de sua existência que por vezes acaba não se estendendo muito, já que o corpo negro é alvo de constante violência, dessa forma a possibilidade do envelhecer é diminuta e mais ínfima ainda o envelhecimento com bem-estar. Ainda mais relacionada ao papel de cuidadora, aquela que está pronta para servir manter o outro bem, sendo ela mesma deixada em segundo plano, sem cuidados, sem carinho.

A experiência emocional, está interseccionada com questões de gênero, raça, posição social entre outras formas de poder, e esses aspectos evidenciam diversas dimensões da estrutura social presente, que são marcadas e recorrentemente mostram-se estruturadas nessa experiência, nesse caso específico é a solidão da mulher preta (PACHECO, 2013). Assim, pode-se inferir o quanto a trajetória de vida da figura feminina negra é carregada por resistência para lidar não só com o fator da solidão, mas todas as repercussões dessa vivência, salientando a subjetividade diante de tal processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa trouxe um recorte de repercussões sofridas por mulheres negras diante da solidão, assim ficou bem evidente que uma mulher negra carrega inúmeros estigmas advindos da época em que eram escravizadas, estigmas esses que persistem em nossa atualidade e são causa de intenso sofrimento já que a representação do corpo negro é tão atraente quanto ao prazer e pouco visto como figura digna de amor. Esse sofrimento se acarreta marcas singulares nesse

processo, sendo importante salientar também que a vivência da solidão vai ser experienciada de maneira única por cada figura do sexo feminino a depender da sua própria concepção a respeito do assunto. Diante do exposto, é evidente as consequências negativas advindas do racismo enraizado que permanece na sociedade unido ao machismo que ainda impera. Ademais, é necessário que haja mais pesquisas com o intuito do aprofundamento dessa temática para que a sociedade hodierna seja conscientizada a respeito desse assunto.

REFERÊNCIAS

CARMONA, C. F., COUTO, V. V. D., & SCORSOLINI-COMIN, F. A experiência de solidão e a rede de apoio social de idosas. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 19, n. 4, p. 681-691, out./dez., 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-73722395510>. Acesso em: 30 abr. 2023.

MOTTA AB. Idade e solidão: a velhice das mulheres. **Revista Feminismos**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 88-96, mai./ago., 2018. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30390>. Acesso em: 30 abr. 2023.

CARRERA, F; CARVALHO, D. Algoritmos racistas: a hiper ritualização da solidão da mulher negra em bancos de imagens digitais. **Galáxia** São Paulo. nº 43, p. 99-114. Jan-abr., 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-25532020141614>. Acesso em: 30 abr. 2023.

MAGALHÃES, S.M. et al. A vulnerabilidade acentuada da pessoa idosa negra, no contexto atual da pandemia: uma herança escravista. **SEMOC-Semana de Mobilização Científica-Envelhecimento em tempos de pandemias**, Salvador, out,2020.

JOSÉ, M. R. Brancas e Pretas diante da solidão. **Anais do VI Encontro da Associação de Estudos Populacionais**.n.6, p. 185-214, 2016.

OLIVEIRA, I. de M.; SANTOS, N. C. S. SOLIDÃO TEM COR? Uma análise sobre a afetividade das mulheres negras. **Interfaces Científicas - Humanas e Sociais**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 9–20, 2018. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/4463>. Acesso em: 30 abr. 2023.

DIAS, M. de J. S.; SERRA, J. Mulher, velhice e solidão: uma tríade contemporânea? **Serviço Social e Saúde**, Campinas, SP, v. 17, n. 1, p. 9–30, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/sss.v17i1.8655190>. Acesso em: 30 abr. 2023.

MIZAEL, T. M; BARROZO, S.C. V.; HUNZIKER, Brasil Maria Helena Leite. Solidão da mulher negra: uma revisão da literatura. **Revista da ABPN**• v. 13, n. 38, p. 212-239, 2021.

PACHECO, A.C. L. *Mulher negra: afetividade e solidão*. Salvador: **EDUFBA**,2013.

SILVA, M. F. S. A SOLIDÃO DA MULHER NEGRA: a “cor do amor” em relacionamentos conjugais. Juazeiro. **UNILEÃO**.dez.2021

SANTANA, J. F. O envelhecimento das mulheres negras e as experiências de sua institucionalização. São Francisco do Conde. **UNILAB**, out 2020.

ZANELLO, Valeska. Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação. Editora **Appris**, 2020.

HOOKS, B. Feminism is for everybody: Passionate politics. **Pluto Press**, 2000.

DAVIS, A. Mulheres, raça e classe. **Boitempo** Editorial, 2016.

IBGE. (2019). Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil. Rio de Janeiro: **IBGE**.